



TEATRO: criação e construção de conhecimento

EU E AHPRACTI, DISTÂNCIAS E APROXIMAÇÕES

Relato fotográfico de um artista pesquisador

ME AND AHPRACTI, DISTANCES AND APPROACHES

Photographic account of a research artist

AHPRACTI Y YO, LEJANIAS Y ACERCAMIENTOS

Relato fotográfico de un artista investigador

*Demian Moreira Reis*¹

Universidade Federal da Bahia

demianreiscontato@gmail.com

ORCID: 0000-0001-5794-2005

Resumo

Aqui faço um breve relato fotográfico sobre meu encontro, como artista pesquisador de Pós-doutorado em Artes Cênicas pela UFBA, com Ismael Ahpracti Krahô, que entre diversas funções e papéis que desempenha em sua aldeia uma é de *Hotxuá*, uma figura cômica tradicional da cultura dos povos Krahô. Falo da trajetória do nosso encontro que tem início quando assisto no dia seguinte à minha defesa de doutorado o documentário de Letícia Sabatela e Gringo Cardia, “Hotxuá – o sacerdote do riso”. Depois o conheço pessoalmente no encontro de povos indígenas do Brasil que ocorre bienalmente chamado Aldeia Multiétnica. Em seguida convivo com Ahpracti em sua aldeia Manoel Alves durante um mês e Ahpracti passa dez dias num intercâmbio comigo em Salvador. Compartilho nesse relato, fotos e reflexões sobre essas experiências de intercâmbio e interação entre eu e Ahpracti assim como descrevo algumas cenas desses encontros. Também transcrevo trecho de uma entrevista que gravei com Ahpracti na ocasião em que estive em Salvador. A travessia do meu encontro com Ahpracti me abriu muitos outros horizontes de saber e sabedoria do que apenas da minha área de atuação. Da minha ancestralidade, de um lado, e dos povos indígenas hoje vivos, de outro. Existe um continente entre nós, povos da cidade e povos indígenas. Por mais que carregue no meu corpo sangue de povos indígenas e povos africanos, boa parte é de sangue das embarcações que chegaram aqui de modo destrutivo para quem habitava estas terras, e como um trator passou por cima de corpos, culturas, florestas, meio ambiente, animais e principalmente povos, de 1500 até hoje.

Palavras-Chave: Hôtwa; Palhaço indígena; Cultura Krahô; Palhaçaria; Artista pesquisador.

Abstract

Here I do a brief photographic account about my encounter, as a research artist of Pós-doctorship in Artes Cênicas of UFBA, with Ismael Ahpracti Krahô, who among several roles and functions performs one as *Hotxuá*, a comic figure traditional of the Krahô people.

¹ Ator, palhaço, diretor e autor, Bacharel em História pela Unicamp, Mestre e Doutor em Artes Cênicas pela UFBA. Autor de *Caçadores de risos – o maravilhoso mundo da palhaçaria* (Edufba, 2013).



I describe the trajectory of our encounter that starts when I watch the film documentary “Hotxuá – the priest of laughter” of Letícia Sabatela e Gringo Cardia. Then I meet him personally at the meeting of indigenous peoples of Brazil that takes place every two years called Aldeia Multiétnica. Then I stayed with Ahpracti in his village Manoel Alves for a month, and Ahpracti spent ten days in an exchange experience with me in Salvador. In this report I share photos and reflections on these experiences of exchange and interaction between Ahpracti and myself, and describe some scenes from these encounters. I also transcribe an interview I recorded with Ahpracti when she was in Salvador. The crossing of my encounter with Ahpracti opened me to many other horizons of knowledge and wisdom than just my field. Of my ancestry, on the one hand, and of the indigenous peoples alive today, on the other. There is a continent between us, city people and Indigenous peoples. As much as I carry the blood of indigenous peoples and Africans in my body, a good part of it is the blood of the boats that arrived here in a way that was destructive to those who inhabited these lands, and like a tractor drove over bodies, cultures, forests, the environment, animals, and especially people, from 1500 until today.

Keywords: Hôtwa; Indigenous clown; Krahô culture; Clownery; Research artist.

Resumen:

Aquí hago un breve resumen fotográfico acerca de mi encuentro como artista investigador de PosDoctorado en Artes Escénicas por la UFBA, con Ismael Ahprakcti Krahô, que entre muchas funciones y roles que desarrolla en su pueblo, una de ellas es la de Hotxuá, un cómico tradicional de la cultura del pueblo Krahô. Hablo de la trayectoria de nuestro encuentro que comienza cuando veo, al día siguiente de mi defensa doctoral, el documental de Letícia Sabatela y Gringo Cardia, "Hotxuá - el cura de la risa". Luego lo conocí en persona en el encuentro de pueblos indígenas de Brasil que se celebra cada dos años llamado Aldeia Multiétnica. Luego, me fui a convivir junto con Ahpracti en su pueblo Manoel Alves durante un mes, y Ahpracti pasó diez días de intercambio conmigo en Salvador. En este relato comparto reflexiones sobre esta experiencia de intercambio e interacción entre Ahpracti y yo, y describo algunas escenas de estos encuentros. También transcribo una entrevista que grabé con Ahpracti cuando estaba en Salvador. El cruce de mi encuentro con Ahpracti me abrió a muchos otros horizontes de conocimiento y sabiduría que no son sólo del ámbito de mi actuación. De mi ascendencia, por un lado, y de los pueblos indígenas todavía vivos, por otro. Hay un continente entre nosotros, la gente de la ciudad y los pueblos indígenas. Por mucho que lleve en mi cuerpo la sangre de los pueblos indígenas y de los pueblos africanos, gran parte de ella es la sangre de los barcos que llegaron aquí de forma destructiva para los que habitaban estas tierras, y que como un tractor pasaron por encima de los cuerpos, las culturas, los bosques, el medio ambiente, los animales y, sobre todo, los pueblos, desde 1500 hasta hoy.

Palabras-clave: Hôtwa; Payaso Indígena; Cultura Krahô; Payasería, Artista Investigador





Imagem 1: Ismael Ahpracti Krahô na Aldeia Manoel Alves Pequeno, 2011. **Foto:** Felipe Camilo. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.

Em julho de 2010 defendi minha tese de doutorado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) com o título *Caçadores de risos - O Maravilhoso Mundo da Palhaçaria*, onde abordei a arte do palhaço priorizando o seu fazer. Desde então já publiquei em livro uma versão revista da tese em 2013. Analisei técnicas, estratégias criativas e sentidos dramáticos empregados por diversos palhaços em suas criações, no Brasil e lá fora, do passado e da atualidade.



Imagem 3: Palhaço Tezo (Demian Reis) batizado na Aldeia Manoel Alves com o nome Ihktery, abril, 2011. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.



Imagem 2: Demian Reis em ritual de defesa de Doutorado em Artes Cênicas na UFBA, 13 de julho, Salvador. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.

No dia seguinte da defesa assisti o documentário “Hôtxuá – o sacerdote do riso”, de Letícia Sabatela e Gringo Cardia, que tratava do “palhaço sagrado” na cultura do povo Krahô que atualmente habita o nordeste de Tocantins. Saí extremamente impactado.

De um lado, assisti um “palhaço”, ou melhor, um *hôtwa*, em sua aldeia realizando a sua função cômica de modo extremamente simples para a plateia constituída pelos moradores, seus vizinhos e parentes. Sua presença e função ocorriam tanto em momentos cotidianos como rituais. Mesmo que não tivesse sido tão autêntico pela presença de uma câmera, era notável uma sinceridade e doçura emanada daquela pessoa a quem depois fui apresentado pessoalmente como Ismael Ahpracti Krahô. Ainda durante o filme, uma nova camada de surpresa veio com a visita a esta aldeia de um palhaço que conheço de perto, pois foi um dos meus iniciadores nesta arte, o ator Ricardo Puccetti, do grupo de teatro Lume, com seu palhaço Teotônio. Pronto, o nó estava dado. E agora? Como irei desatar esse nó?



TEATRO: criação e construção de conhecimento



Imagem 4: Samuel Ihkery, Ismael Ahpracti e Demian Reis em Encontro Aldeia Multiétnica, 18 de julho 2010. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.

Encantado com a existência do *hôtwa* e curioso para compreender como se manifesta em seu contexto cultural, busquei como esse encontro poderia suceder. A primeira aproximação estava à vista, cinco dias depois da minha defesa. Havia um encontro anual que reunia diversas etnias indígenas na Chapada dos Veadeiros na região de Alto Paraíso. Chamava-se Aldeia Multiétnica. Foi lá que conheci Ahpracti. Uma rede de amigos havia me dado a oportunidade de ser apresentado a ele durante esse encontro em 2010. Desde este primeiro encontro, nos conectamos e ele já me convidou para participar de uma apresentação à noite no espaço de vivência do evento, onde ele iria improvisar. Sim, ele ia improvisar sua arte, sua “palhaçaria”, enfim, seu modo de fazer os outros rirem.



Imagem 5: Aldeia Multiétnica, 2010, Alto paraíso, GO. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.



Imagem 6: Primeiro adereço (“chapéu”) que Ahpracti me deu no Encontro Aldeia Multiétnica, Alto do paraíso, GO. Julho, 2010. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.

Apesar de ele ter falado para nos encontrarmos no espaço organizado para os ritos debaixo de teto, resolvi procurá-lo e aproveitar para me maquiar junto. Estava com a roupa do meu palhaço Tezo, mas um impulso me guiava a experimentar abrir mão do meu figurino naquele primeiro encontro com a arte dele e usar, como ele, poucos adereços - basicamente um short ou uma cueca samba canção. Apenas mantive meu sapato de palhaço. Fui à área em que os Krahô estavam acampados e, na escuridão, nos pintamos. Como havia apenas a luz do celular e não havia espelho, a gente ajudou pintar um ao outro para dar o retoque final. Confesso que no momento em que mirava o rosto de Ahpracti enquanto o maquiava, me

REIS, Demian Moreira. Eu e Ahprak, distâncias e aproximações: Relato fotográfico de um artista pesquisador. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 236-248, 2020.
Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

bateu um sentimento de estar diante de uma linha de ancestralidade minha há muito rompida, misturada e diluída até hoje. No corpo dele sentia que estava inscrito com nitidez traços de uma antiga família à qual eu pertencia.

humana se resume a isso. Cair e levantar, andar, seguir ou conduzir outros, encontrar, sofrer e afetar as pessoas que encontramos, superar os obstáculos da caminhada, celebrar, cantando e dançando, as dores e os amores, as realizações e as perdas.



Imagem 7: Primeiro dia que vi ao vivo Ismael Ahpracti Krahô apresentando numa casa cultural em Alto Paraíso durante Aldeia Multiétnica, julho, 2010. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.



Imagem 09: Primeiro dia que brinquei com Ahpracti no espaço de ritos e reuniões no Encontro Aldeia Multiétnica, Alto do paraíso, GO. Julho, 2010. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.



Imagem 8: Primeiro dia que vi ao vivo Ismael Ahpracti Krahô apresentando numa casa cultural em Alto Paraíso durante Aldeia Multiétnica, julho, 2010. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.



Imagem 10: Primeiro dia que brinquei com Ahpracti no espaço de ritos e reuniões no Encontro Aldeia Multiétnica, Alto do paraíso, GO. Julho, 2010. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis

Seguimos para o espaço onde aconteciam ritos, reuniões, oficinas e atividades ao longo do encontro. A arte de Ahpracti me arrebatava pela sua simplicidade e espontaneidade. Ele olha, se movimenta, faz algo, sente a reação das pessoas e vai propondo. Na roda, brincamos de coisas tão simples como cair, levantar e rolar no chão, seguir o outro, ou “siga o líder”, jogar um sapato para o outro, dançar. Pensando bem, boa parte da vida

Sua arte é improvisada na hora, mas a partir de repertório de sua tradição, sua história, biografia e experiências de outras apresentações, a maioria ocorrendo na sua aldeia, festas, encontros e festivais para os quais fora convidado. Daí vem aquela questão típica dos profissionais da arte, a apresentação dele funcionaria num palco

REIS, Demian Moreira. Eu e Ahprak, distâncias e aproximações: Relato fotográfico de um artista pesquisador. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 236-248, 2020. Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento

italiano, para um público da cidade? Ou num picadeiro de circo? Eu já me fiz essa pergunta no passado.



Imagem 11: Eu e Ahpracti participando de roda de palhaços durante Heincontraço em Salvador, outubro, 2011. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.



Imagem 12: Eu e Ahpracti participando de roda de palhaços durante Heincontraço em Salvador, outubro, 2011. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.



Imagem 13: Eu e Ahpracti participando de roda de palhaços durante Heincontraço em Salvador, outubro, 2011. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.

Hoje me parece claro que essa pergunta representa mais um desejo meu, da cultura do lado de cá, de ter a chance de assistir essa forma cômica desconhecida no nosso quintal. Mas não se coloca pra ele. Não está no horizonte de urgências dele. Eu que, na minha vontade de acumular e expandir mais conhecimento na minha área de atuação, fui a ele. Daí minha travessia, que me abriu muitos outros horizontes de saber e sabedoria do que apenas da minha área de atuação. Da minha ancestralidade, de um lado, e dos povos indígenas hoje vivos, de outro. Existe um continente entre nós, povos da cidade e povos indígenas. Por mais que carregue no meu corpo sangue de povos indígenas e povos africanos, boa parte é de sangue das embarcações que chegaram aqui de modo destrutivo para quem habitava estas terras, e como um trator passou por cima de corpos, culturas, florestas, meio ambiente, animais e principalmente povos, de 1500 até hoje. Essa distância permanece. E para felicidade e proteção deles é bom que essa distância permaneça, pois a aproximação do povo da cidade significa mais morte do que vida para eles.



Imagem 14: Eu e Ahpracti 19 de abril, 2011, Palmas, TO, durante manifestação de diversos povos indígenas. **Foto:** Tharson Lopes. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.

Claro que a cultura “cupen” (como os Krahô nominam as pessoas que moram nas cidades, incluindo os negros), da qual sou

REIS, Demian Moreira. Eu e Ahprak, distâncias e aproximações: Relato fotográfico de um artista pesquisador. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 236-248, 2020. Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento

portador, é depositária de uma história de 500 anos de fatos e acontecimentos que embalaram gerações até hoje, nas diversas cidades brasileiras. E meu DNA cultural, nascido em Salvador e vivido em outras cidades do Brasil e do mundo, me aproxima mais do perfil de um cidadão de Londres, Barcelona ou Buenos Aires e me situa mais distante da cultura dos povos indígenas atuais. Ou seja, apesar da minha distância física ser maior em relação a um habitante de Nova York, minha distância cultural é maior em relação a um indivíduo Krahô, que vive mais perto de mim. E talvez tenha sido essa distância que me fascinou com a pessoa de Ahpracti.



Imagem 17: Preparando para banho de mar em Salvador, 2011. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.



Imagem 15: Ahpracti conhecendo o Centro de Budismo Tara Verde que eu frequentava em 2011. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.



Imagem 18: Ahpracti indo tomar banho de mar em Salvador. Outubro 2011. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.



Imagem 16: Ahpracti em visita a meus parentes, na foto meu primo Gil Perin. Guarajuba, outubro de 2011. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.

Ele vem de uma cultura mais comunitária, de uma proximidade maior com a natureza, a floresta e os animais. Percebi o grau de vínculo que ele tinha com os animais quando durante o “Intercâmbio entre *hôtwa* e palhaço”, parte de minhas atividades acadêmicas de pós-doutorado, convidei-o para passar 10 dias em Salvador, após eu permanecer na sua aldeia e conviver com ele durante um mês, em Tocantins. Durante a sua estadia em Salvador, ele conheceu meus familiares, participou de rodas de palhaços, realizou junto comigo palestras com bate-papos e integrou aulas que ministrei no Bacharelado Interdisciplinar em Artes da

REIS, Demian Moreira. Eu e Ahprak, distâncias e aproximações: Relato fotográfico de um artista pesquisador. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 236-248, 2020. Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento

UFBA. Pois bem, durante a sua estadia comigo ele apenas fez um pedido: ver os animais no zoológico de Salvador.



Imagens 19: Ahpracti conhecendo o zoológico de Salvador, Outubro, 2011. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.



Imagens 20: Ahpracti conhecendo o zoológico de Salvador, Outubro, 2011. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.



Imagens 21: Ahpracti conhecendo o zoológico de Salvador, Outubro, 2011. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.



Imagem 22: Ahpracti, Demian e a antropóloga Maria do Rosário numa palestra debate no FFCH (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA). **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.

Segue transcrição de conversa entre eu e Ahpracti no Aeroporto de Salvador em outubro de 2011.

Demian Reis – Pronto, Ahpracti, estou muito feliz porque eu fui pra sua aldeia, fiquei 30 dias, um mês, convivendo com você, pude realizar minha vontade de retribuir de você passar aqui um tempo. Você passou 10 dias aqui comigo, conheceu os meus parentes, meus amigos, meus colegas de trabalho, minhas tribos de palhaços, estou muito feliz com essa troca, esse intercâmbio, essa parceria. Espero que esteja sendo bom pra você e que você também aprenda e descubra como você pode estar visitando o mundo “cupen” (branco) pra poder trabalhar e depois voltar com um “porézinho” (dinheiro) também e divulgar a cultura Krahô, divulgar a cultura do riso dos *hôtwas*. Então, eu queria deixar aqui registrado minha felicidade de você ter vindo e acompanhado eu dando aula, as oportunidades de apresentar que a gente teve, de falar, de você ver os meus alunos, ver como é que eu trabalho aqui, ensino palhaçaria. E fica essa mensagem de quando a gente puder continuar essa parceria, essa troca, essa parceria, esse intercâmbio, sempre que a gente conseguir viabilizar, claro. Porque como todo artista, como todo trabalhador, como toda pessoa precisamos de “poré” para sobreviver, comer, e dirigir carro na cidade,

REIS, Demian Moreira. Eu e Ahprak, distâncias e aproximações: Relato fotográfico de um artista pesquisador. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 236-248, 2020.
Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

na aldeia precisa comprar comida, remédio, então, estamos aí, tentando encontrar uma forma de sustentabilidade. É isso que eu queria dizer pra você.



Imagem 23: Ahpracti falando sobre a tradição dos Hotxuás durante minha aula de palhaçaria no IHAC - UFBA, Outubro, 2011. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.



Imagem 24: Turma do IHAC que recebeu oficina com Ahpracti, Outubro, 2011. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.

Ahpracti – Eu posso falar em “cupen” ou na minha língua também?

Demian – Como você quiser.

Ahpracti – Então, Ihktery, o seu nome “cupen” é Demian, eu vou dar a minha palavra também. Tudo em paz, tudo legal também pra você, que eu fiquei por aqui em Salvador junto contigo, a luta nossa foi assim quase meio fraca, mas o quê a gente sentiu aqui no

meio do nosso trabalho, que eu vi, foi muito legal também pra mim e essa viagem, a gente até fica com medo de até chegar por aqui e vem tudo na mão do deus, porque o deus é um “ipapam”(deus) então eu tô por aqui junto com vocês, tudo “impéj” (legal) mesmo, tudo legal mesmo pra mim. Bota nessa luta, junto contigo, e nossa luta sempre é meio fraco, mas se deus ajudar, mas, ajudar mesmo assim, pra nós trabalhar dentro desse serviço do “hôtwa” você e eu que é Ismael Ahpracti Krahô pra manter o nosso trabalho tudo “impéj” mesmo entre vocês. Bom, eu vou pedir também muito “impéj”, é muito legal, o povo aqui em Salvador é muito “impéj” comigo, todo mundo gostei de falar também, e perguntando também e eu respondendo tudo assim garguejado, mas eu tô aí pra nós conversar, e nós tamo tudo em paz.



Imagem 25: Exposição e Ação performática realizada durante o projeto Hotxuá e palhaço intercâmbio e interações no IHAC - UFBA, outubro, 2011. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis.

(Fala em krahô)

Demian – Então hoje é dia 17 de outubro de 2011, esse é o último dia dos dez dias que Ahpracti ficou hospedado comigo aqui nesse “Intercâmbio e Interações”. Foi muito bom, foi um passo importante dentro dessa relação de pesquisa, dessa relação de parceria, dessa relação de descobrir um a cultura do outro, de modo benéfico como é que a gente pode conviver e enriquecer o outro com o olhar do outro, sem apagar as diferenças, mas convivendo e aprendendo com as diferenças,

REIS, Demian Moreira. Eu e Ahprak, distâncias e aproximações: Relato fotográfico de um artista pesquisador. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 236-248, 2020.
Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento

ao contrário, a diferença é um motivo que a gente deveria celebrar ao invés de competir. Espero que isso inspire também outros projetos e parcerias interculturais, de cruzamento cultural. O Brasil é um celeiro de diversidade cultural, a gente deveria ter orgulho de ser um país multilíngue. Que coisa maravilhosa é poder ouvir o som, a sonoridade, a musicalidade de outras línguas, temos quase 300 e a gente não valoriza, o que poderia ser um fator de atração e celebração para até turismo cultural e formas de sustentabilidade. Nós não temos, nós não incentivamos, não há políticas culturais incentivando que, por exemplo, se ensine em português e nessas línguas nativas. Então, o reconhecimento de que somos um país multilíngue no fundo não tem valor nenhum do ponto de vista do suporte que o Estado deveria dar, então eu queria também sinalizar isso, isso deveria ser olhado como uma coisa grandiosa, como uma grandeza, uma riqueza da nossa cultura que, no entanto, não é. As pessoas ficam preocupadas com o ouro, com metais, que vão só ficar explorando a natureza, os recursos naturais. Os recursos culturais são inesgotáveis, acordem! O Brasil tem que acordar! As pessoas responsáveis! Então é isso, Ahpracti. Eu sou Demian Reis, doutor em Artes Cênicas, estou como professor visitante no IHAC (Instituto de Humanidades, Artes e Ciências), tenho esse projeto de pós-doutorado, um dos temas é o *hôtwa*, e também eu ensino, eu tenho essa especialidade da palhaçaria, meu doutorado foi sobre isso, sou palhaço também. E esse é realmente um momento pra mim muito precioso, de ao longo de mais de dez anos nem tinha esse conhecimento de que nós no Brasil temos esse referencial tão antigo, antes da presença europeia aqui. O *hôtwa* que é um tesouro cultural do mundo, deveria ser patrimônio da humanidade, não existe, em nenhum momento do estudo da palhaçaria você tem uma cultura onde o indivíduo nasce e é já colocado, designado um *hôtwa*, uma espécie de palhaço sagrado dentro da cultura Krahô, é um tesouro da humanidade, então deveria haver um projeto que incentiva a

sustentabilidade dessa realidade cultural além de outras também, eu acompanho esse, porque trata-se da minha área de atuação e aos poucos eu espero que essa tradição venha a ser conhecida no Brasil inteiro, quem sabe no mundo inteiro. É preciso ter um olhar atento de que existe um cenário específico onde esse *hôtwa* atua, é num contexto de aldeamento, é num contexto ritual, então é preciso entender exatamente como ela se manifesta e recuperar e investir nessa possibilidade dela manter a tradição e também ir inovando, porque nenhuma tradição sobrevive sem inovação. Então ela fortalece. Todas as culturas entraram em contato com outra cultura e ficaram mais ricas e mais fortes, então não deve ser diferente com o *hôtwa*, com a tradição Krahô de *hôtwa*. Então é isso gente, estamos aqui com Ahpracti já indo pra Fortaleza, onde a gente tem um outro palhaço lá Mario Cruz Filho que também visitou a aldeia e nesse intercâmbio dentro de um outro ponto de referência que é Fortaleza e tá levando ele pra lá para criar também uma agenda de seminários e acontecimentos, onde Ahpracti vai poder estar atuando, falando e divulgando a cultura do *Hôtwa* e do Krahô em geral. Então eu queria desejar uma boa viagem para Ahprac agora e que ele faça uma boa viagem.

Ahprac – “Impéj” Ihkrery! Tomara que eu siga lá tudo com meu “ipapam”!

(Transcrição da conversa entre Demian Reis e Ismael Ahprac Krahô no Aeroporto após ficar 10 dias em Salvador participando do Projeto Hotwá e Palhaço: Intercâmbio e Interações.)

Hoje (junho, 2020) estou confinado no meu apartamento em Salvador há três meses devido à pandemia do novo Coronavírus, que já levou a óbito aproximadamente mais de 45 mil pessoas no Brasil. O Coronavírus já encontrou seu caminho para as aldeias, ou seja, mais uma era de doenças dos “cupen” ceifando vidas dos povos indígenas. Semana passada a polícia do Rio de Janeiro matou João Pedro Mattos, mais uma criança negra

REIS, Demian Moreira. Eu e Ahprak, distâncias e aproximações: Relato fotográfico de um artista pesquisador. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 236-248, 2020.
Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento

inocente. De casa vejo pelo celular o país mais poderoso do mundo enviar dois astronautas para o espaço enquanto vive a maior convulsão social por motivações racistas desde 1968, porque a população negra e milhões de brancos solidários se revoltaram com um vídeo que viralizou mostrando um policial branco matar por asfixia o cidadão negro George Floyd. O mesmo país nesse momento é o epicentro da pandemia, ostentando o recorde mundial de mais de 120 mil mortos por COVID - 19.



Imagens 26: Ahprac e vice-governador de Tocantins, 19 de abril, 2011, Palmas, TO, durante manifestação de diversos povos indígenas. **Foto:** Tharson Lopes. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis



Imagens 27: Ahprac e vice-governador de Tocantins, 19 de abril, 2011, Palmas, TO, durante manifestação de diversos povos indígenas. **Foto:** Tharson Lopes. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis

Assim, a distância e a aproximação entre os povos indígenas do Brasil e os povos das cidades, o chamado povo brasileiro, quase nunca é saudável para os primeiros. Mas eles tão pouco podem ficar invisíveis a nós do

lado de cá, que somos solidários e conscientes da necessidade de apoiá-los, defendê-los e incluí-los na agenda da reparação e inclusão através de políticas públicas de proteção e conservação de suas vidas e culturas, cujas raízes chegaram até nós por uma ancestralidade sanguínea e cultural, comprovada pela Biologia e as Ciências Humanas. Agora, por exemplo, durante o governo atual, povos indígenas estão sofrendo um ataque coordenado de garimpeiros e grileiros brasileiros, uma escalada de assassinatos de líderes indígenas, invasão de terras e destruição em massa de florestas das quais eles são guardiães. Para integridade e preservação deles é preciso encontrarmos a distância certa entre os povos da cidade e os povos indígenas².

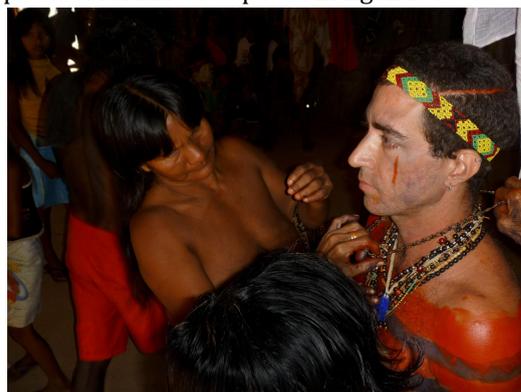


Imagem 28: Demian Reis sendo preparado por Maria Rosa Amxôkwj, esposa de Ahprac, para receber nome Ihkrery, na Aldeia Manoel Alves, 30 de abril 2011. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis

² Links de entrevista e outros textos sobre Ismael Ahpracti Kraho:
https://www.youtube.com/watch?v=LS_9iW948aQ&feature=youtu.be
http://www.portabrace.org/viicongresso/completos/etnologia/Demian_Reis_Observacoes_sobre_pintura_e_ornamenta_ao_corporal_dos_amerindios_Kraho.pdf
<https://portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/download/5745/4151>



Imagem 29: Demian Reis em rito em que recebe nome Ihykrery dado pelo filho mais novo de Ahprac: Samuel Ihykrery na Aldeia Manoel Alves, 30 de abril 2011. **Fonte:** Arquivo pessoal de Demian Reis

Recebido em: agosto/ 2020
Aprovado em: dezembro/2020
Publicado em: março/2020